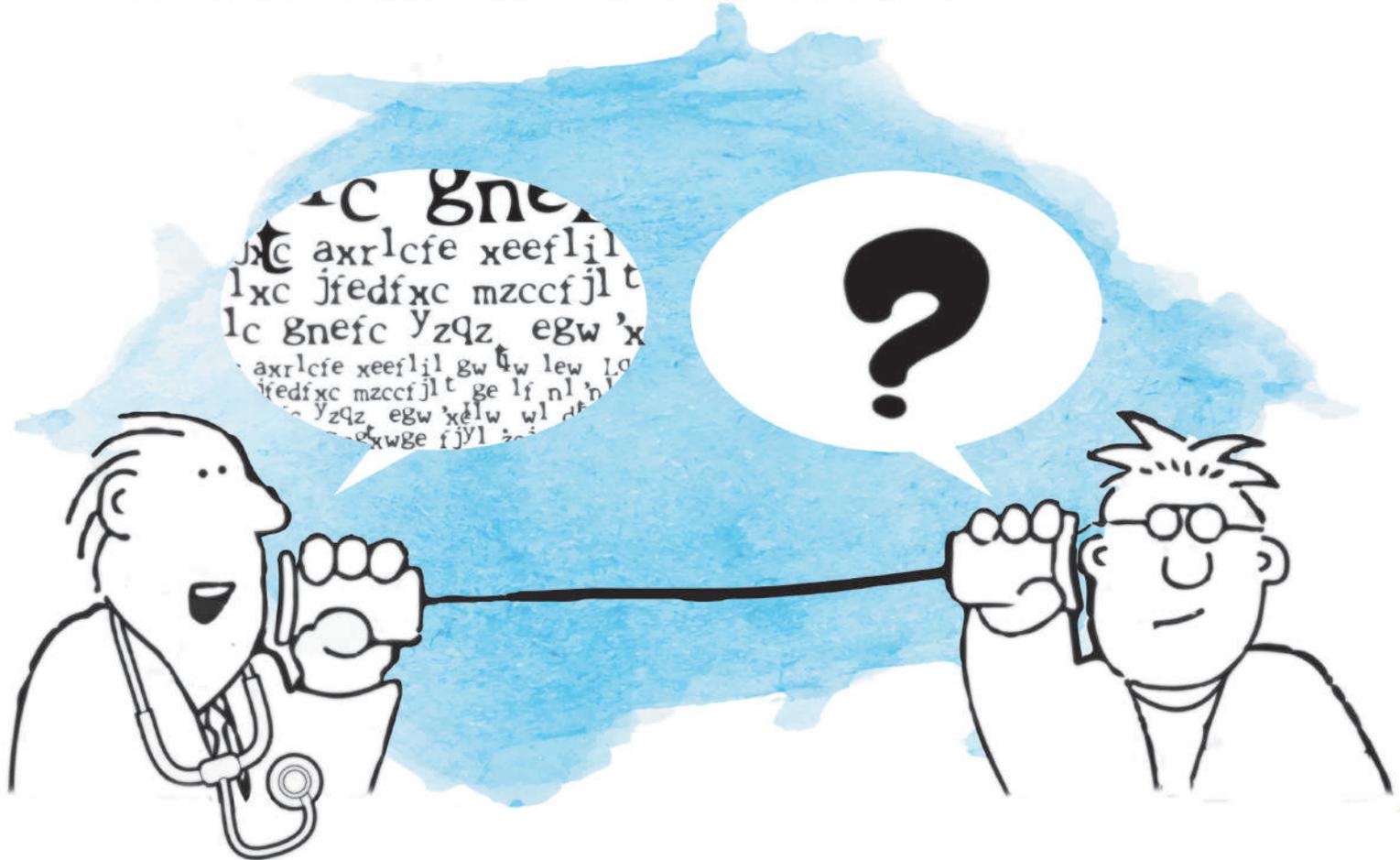


educação

PROFISSIONAIS UTILIZAM PRINCÍPIOS DE LETRAMENTO EM SAÚDE PARA AUMENTAR ADESÃO DE PACIENTES AO TRATAMENTO



Na mesma língua

Em 2022, pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) — que desenvolveu e avaliou o aplicativo IUProst, criado para apoiar o tratamento de incontinência urinária após cirurgia de prostatectomia radical em pessoas com câncer de próstata — recebeu o Prêmio Inovação Engenharia Biomédica para o SUS e para a América Latina, da Sociedade Brasileira de Engenharia Biomédica e da Boston Scientific. O estudo de desenvolvimento tecnológico que envolveu a construção do app foi tema da dissertação de mestrado da enfermeira Fabrícia Eduarda Estevam, com orientação da professora Luciana Regina da Mata.

Enquanto Fabrícia e Luciana eram entrevistadas pela imprensa e o IUProst chegava ao conhecimento de pacientes de todo o País, outra enfermeira, Jackelline Evellin dos Santos, doutoranda pela Universidade Federal de Goiás (UFG), finalizava ajustes no livreto que deu origem ao aplicativo. As mudanças no app só foram identificadas como essenciais pelas pesquisadoras mineiras após participarem da 1ª Conferência Brasileira de Letramento em Saúde, realizada, em 2021, pela Rede Brasileira de Letramento em Saúde (Rebrals).

“Assistimos à palestra da Jackeline e, em seguida, a convidamos para essa parceria. Enquanto profissionais da saúde, às vezes não temos o cuidado de passar a informação para o paciente de forma simples, para realmente ajudá-lo”, admite Luciana da Mata.

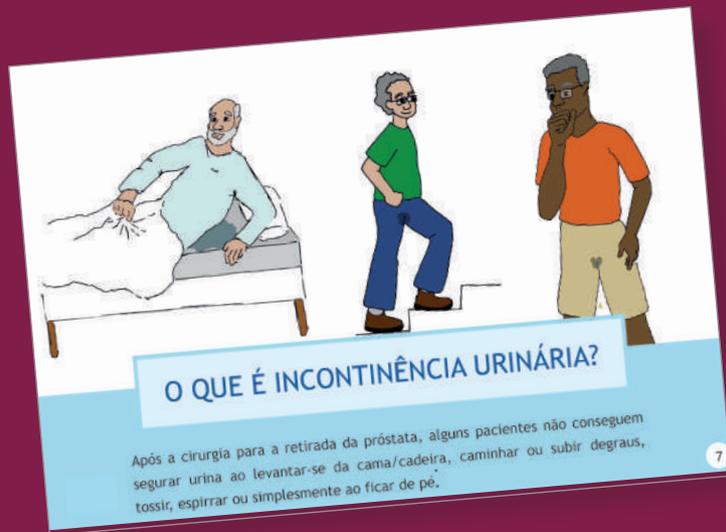
LIVRETO VIROU MANUAL

Segundo Luciana, as melhorias no impresso facilitaram a visualização e a compreensão rápida das informações, de forma que o nível de escolaridade do usuário não afetasse a adesão ao tratamento. As modificações envolveram, além da linguagem facilitada, aumento do tamanho da letra, da quantidade de sentenças, subdivisão dos parágrafos maiores, uso de subtítulos para contemplar cada orientação e limite de três itens sobre cada tema. E o que era livreto se transformou em manual. Todas as adaptações feitas na publicação passarão, agora, por validações com maior rigor metodológico. A revisão do conteúdo será feita por especialistas em incontinência urinária, letramento em saúde, psicométrica e linguística. No aplicativo, houve mudanças nas fontes e nas cores das letras, e o número de cliques para chegar a uma determinada informação foi reduzido. Em ambos os casos, as pesquisadoras tiveram em mente o perfil do público ao qual estavam se dirigindo: homens a partir dos 50 anos usuários do SUS.

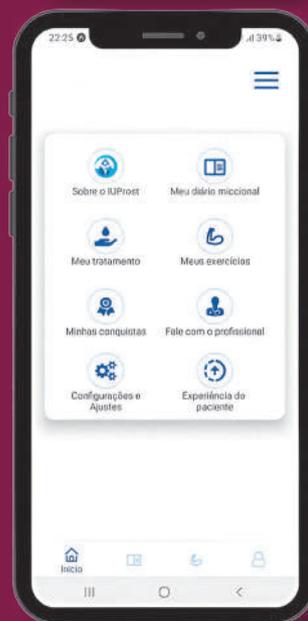
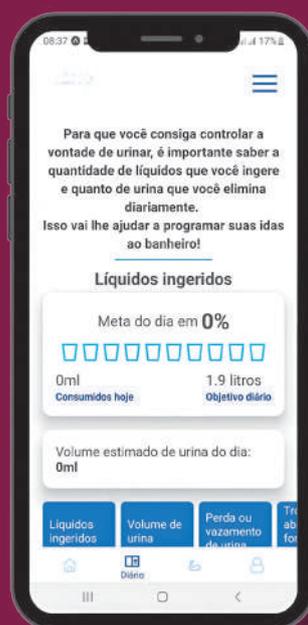
Na opinião do fotógrafo Aguinaldo Santana, de 66 anos, de Belo Horizonte (MG), e um dos participantes do estudo, tanto o manual como o app são fáceis de usar. “A perda de urina, depois da retirada da sonda, me deixou muito nervoso, mas, aos poucos, fui me adaptando, e os exercícios ajudaram

“No hospital, seguia a orientação da enfermeira. Em casa, passei a usar o livro e, em seguida, o aplicativo. Meus músculos voltaram ao normal e até hoje pratico um pouco dos exercícios, porque me fazem bem”

AGUINALDO SANTANA, paciente



Manual e interfaces do aplicativo passaram por modificações para facilitar compreensão



demais. No hospital, seguia a orientação da enfermeira. Em casa, passei a usar o livro e, em seguida, o aplicativo. Pouco tempo depois, parei, porque precisei fazer radioterapia, o que atrapalhou um pouco a minha evolução, mas logo retomei. Meus músculos voltaram ao normal e até hoje pratico um pouco dos exercícios, porque me fazem bem.”

VOCABULÁRIO MAIS SIMPLES

Na Unidade de Assistência de Alta Complexidade em Oncologia (Unacon) do Hospital Universitário de Brasília, da Universidade de Brasília (HUB/UnB), a necessidade de usar os princípios de letramento em saúde surgiu quando a enfermeira Paula Elaine Diniz dos Reis e sua equipe foram validar com os pacientes as cartilhas desenvolvidas para orientá-los durante a quimio e a radioterapia. Nesse mesmo período, assistiram a uma palestra ministrada na UnB pela pesquisadora Margareth Zanchetta, cofundadora da Sociedade Brasileira de Enfermagem Oncológica.

“Entrevistamos portadores de câncer de cabeça e pescoço e de mama, e quando pedimos para explicarem certos trechos dos impressos, eles não conseguiram. Em muitos casos, enfrentamos a questão da baixa escolaridade. Mas, além disso, nosso vocabulário é tão dominante que achamos que todos entendem palavras como edema, por exemplo, que aprendemos logo nos primeiros semestres da graduação”, conta Paula.

Nas consultas, os médicos explicam aos pacientes a razão de cada solicitação feita. “Durante a radioterapia é preciso tomar bastante água, e nós fazemos o cálculo por quilo de peso corporal. Se eu disser: ‘Olha, pelo seu peso, a senhora tem que beber 2,1 litros de água por dia. Também tem que evi-

“Entrevistamos portadores de câncer de cabeça e pescoço e de mama, e quando pedimos para explicarem certos trechos dos impressos, eles não conseguiram”

PAULA ELAINE DINIZ DOS REIS, enfermeira do Hospital Universitário de Brasília



Divulgação

tar pegar sol’, possivelmente o engajamento será baixo. Mas quando informo que a água vai melhorar a hidratação das células e elas vão criar uma barreira protetora contra a radiação, a pessoa começa a entender os benefícios e segue as orientações. Algumas trazem a garrafinha, mostram como estão fazendo em casa... Para mim, o maior resultado é a adesão ao tratamento”, comemora Paula.

O CORPO FALA

Carla Castro, enfermeira do Centro de Transplante de Medula Óssea (Cemo) do INCA, concorda. Para identificar os pontos sensíveis da comunicação com os pacientes, ela passou três meses acompanhando as consultas. Enquanto o médico passava as informações, Carla observava a expressão facial e a linguagem corporal do paciente. “Em vez de ouvir que precisa ser internado para evitar risco de infecção

Os conceitos da Rede Brasileira de Letramento em Saúde vêm sendo difundidos por meio de palestras em hospitais e universidades, como no Hospital de Câncer Araújo Jorge, em Goiás



CONEXÃO ENTRE PROFISSIONAIS

Fundada em 2019 pelas enfermeiras, professoras e pesquisadoras Virginia Visconde Brasil (UFG) e Katarinne Lima Moraes (UnB), a Rede Brasileira de Letramento em Saúde (Rebrals) tem como objetivo estimular a criação de uma política pública direcionada à prática. O conceito também vem sendo difundido por meio de palestras em hospitais e universidades, cujos programas de pós-graduação já começam a ofertar a disciplina, ainda que de forma eletiva. Além disso, a Rede investe de maneira regular na produção de conteúdo sobre o tema por meio, por exemplo, de podcasts disponíveis gratuitamente. A Rebrals também promove a Conferência Brasileira de Letramento em Saúde, desde 2021. O evento, anual e com convidados internacionais, contou, em sua primeira edição, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Para a enfermeira Priscila Afonso Pereira, da Coordenação de Ensino do Hospital de Câncer Araújo Jorge (GO), que promoveu, em julho, as primeiras palestras com a participação da Rebrals, uma comunicação simples e clara entre profissionais de saúde e pacientes reflete em aumento do autocuidado e menor tempo de hospitalização. “É um fator essencial para uma assistência segura e de qualidade”, destaca.

Segundo as fundadoras, as evidências científicas mostram que a qualidade de vida e o exercício do direito à saúde aumentam com a melhora da comunicação e da compreensão das informações. “Isso ajuda os pacientes a assumirem o controle das próprias escolhas, conduzindo a decisões mais conscientes e acertadas. Também permite que acessem e usem os recursos a que têm direito”, dizem Virginia e Katarinne.



Stephany (D) se sentiu acolhida pela forma de Carla se comunicar

“A educação em saúde é uma disciplina dos cursos de graduação, e, no dia a dia, muitos profissionais adotam princípios de letramento sem saber que estão seguindo essas boas práticas”

CARLA CASTRO, enfermeira do Centro de Transplante de Medula Óssea do INCA

até que receba a nova medula, que ela demora de 15 a 18 dias para crescer e que, a partir daí, as células de defesa vão nascer novamente, o paciente ouve do médico o seguinte: ‘Que vai fazer quimioterapia por sete dias e que vai aplasiar depois que receber a medicação, que mais adiante vai receber a medula...’. Eles normalmente entendem que vão para o centro cirúrgico abrir a coluna, pois não sabem a diferença entre medula óssea e espinhal. Invariavelmente, no momento em que ouvem essas frases, mexem-se na cadeira, arregalam os olhos a cada palavra difícil e já não prestam mais atenção no que vem depois”, afirma.

TRADUZINDO TERMOS TÉCNICOS

Depois dessas constatações, Carla começou a implantar o projeto de Navegação em Enfermagem no serviço. Como parte das novas estratégias, passou a levar os pacientes para uma sala, a mostrar o que é um cateter e onde fica a medula óssea, explicando que “receber a medula” é igual a receber uma transfusão de sangue normal. Faz, como ela mesma diz, uma tradução de palavras e expressões técnicas. Com o mesmo objetivo de tornar a comunicação acessível para todos, foi criado um grupo de WhatsApp que possibilita atender pessoas com baixa escolaridade ou analfabetas. A ideia é que possam tirar suas dúvidas por mensagens de áudio. Os resultados, que integram a dissertação de mestrado da enfermeira, foram apresentados em agosto do ano passado no XXVII Congresso da Sociedade Brasileira de Terapia Celular e Transplante de Medula Óssea.

“A educação em saúde é uma disciplina dos cursos de graduação, e, no dia a dia, muitos profissionais adotam princípios de letramento sem saber que estão seguindo essas boas práticas. Mas a divulgação crescente desse conceito gera um compromisso de profissionais, instituições e governos em desenvolver iniciativas concretas”, pontua Carla.

Para a estudante Stephany Conceição dos Santos, de 24 anos, a forma acolhedora com que seu tratamento no Cemo foi conduzido, associada à maior clareza das informações transmitidas, “fez toda a diferença”. “Precisei tirar muitas dúvidas em vários momentos e entender o que estava acontecendo para saber lidar comigo mesma e com os outros. Receber as notícias da forma como a Carla fez — e ser tratada com respeito e atenção do momento dos exames até a alta — foi extremamente importante para o meu estado emocional”, conta a estudante, que recebeu a nova medula do pai. ■